

O PARQUE DISTRIBUTIVO DE ALIMENTOS NA CIDADE DE CAMPO GRANDE: UM ESTUDO COMPARATIVO

L. F. Silva (expositor); R. M. Donato; L. C. Fabrini Filho. NEPA/Unicamp.

A situação do abastecimento em cidades de médio porte apresenta comportamentos específicos e deve ser analisada sob a ótica dessas especificidades. Diferentemente dos grandes centros que tiveram um crescimento desordenado, rápido, com bolsões de miséria na periferia e embrenhados pela região central, as cidades de médio porte ainda preservam algum tipo de crescimento planejado. A localização espacial dos equipamentos como bares, restaurantes, empórios, supermercados e hipermercados, está diretamente associada ao modo como as cidades são organizadas, ou seja, seu planejamento urbano, sua topografia e suas principais vias de acesso e circulação de mercadorias. No Brasil, atualmente, como em outros países, a comercialização de alimentos *in natura* (frutas, verduras, legumes, ovos), semi-elaborados (arroz, feijão, carnes, pescado, leite) e industrializados (massas, óleos, enlatados, derivados de carne e leite), se realiza através da utilização de equipamentos do tipo auto-serviço (supermercados, sacolões, etc.) e do tipo tradicionais (armazéns, mercearias, açougues, padarias, etc.). Sendo que a praticidade, conveniência, preço, variedades de produtos, conforto, rapidez e segurança, surgem como vantagens comparativas que darão sustentação a este modelo de distribuição de alimentos. Neste estudo de caso pretende-se conhecer os mecanismos e a dinâmica do abastecimento alimentar em cidades de médio porte - no caso o município de Campo Grande, capital do Estado do Mato Grosso do Sul, que possui uma população de 525.612 habitantes, praticamente concentrados na região urbana (IBGE, 1994). A população da área rural (7.430 habitantes) está agrupada nos diversos estabelecimentos agropecuários, em pequenas propriedades. O entendimento das formas de comercialização e de como se agrupam os diversos equipamentos de abastecimento em uma cidade, obedecem a uma lógica de explicação que relaciona espaços geográficos com potencial de demanda, com facilidades de acesso e ponto de alta circulação populacional. Derivado disso, pontuou-se os equipamentos de abastecimento (mercearias - 40%, açougues - 26%, panificadoras - 18%, varejões - 7%, supermercados - 4%, mercados - 3% e quitandas - 2%) num mapa geográfico da cidade de Campo Grande. Como resultado obteve-se um desenho dessa distribuição, onde nota-se os fluxos de comercialização e abastecimento de alimentos na cidade. O número de lojas do tipo tradicionais ainda permanece como característica do modelo distributivo, onde nem todo o "espaço comercial" ou mercado é preenchido pelos equipamentos maiores e modernos como os supermercados, e ainda restam franjas de consumo a serem desfrutadas pelos representantes do modelo tradicional de comercializar alimentos, embora o maior peso do faturamento global pertença ao setor de auto-serviços. O número de lojas definidas como auto-serviço em Campo Grande corresponde a 11% do total dos equipamentos, enquanto os tradicionais atingem 89%. Este comportamento se aproxima da média brasileira que apresenta 15% dos estabelecimentos como auto-serviços e 85% como tradicionais. Isso demonstra que existe uma lógica dentro do processo distributivo, provavelmente associado às questões de concentração urbana. Quando observadas as proporções entre os equipamentos pode-se observar uma predominância de mercearias, açougues, quitandas e padarias, embora haja uma relação inversa quanto ao faturamento, com um percentual de 85% dos volumes de vendas para os auto-serviços e 15% para os tradicionais. O modelo distributivo no qual o setor de serviços exerce um papel social definido, pode ser explicado pelas características da concentração urbana que imprimiu um ritmo diferenciado às formas de comercialização.